

## Satanismo: realidades e acusações

*Graham Harvey [g.harvey@wkac.ac.uk]*

tradução por *Leda Maria Perillo Seixas [ledaps@bol.com.br]*

Definições sobre "religião" abundam. Todas são válidas, se ao menos servirem para desafiar e, a partir daí, refinar a compreensão. Tenho afirmado algumas vezes, parcialmente como brincadeira (mas apenas parcialmente), que é possível saber que algo é realmente uma religião quando: a) afirma oferecer soluções para problemas muito amplos, e b) provoca desacordo, divisão, e às vezes até mesmo violência entre seus próprios praticantes. Por tal critério, no mundo atual, o satanismo se tornou uma verdadeira religião. Há pessoas que realmente se denominam satanistas, e consideram possuir algo significativo para oferecer à humanidade. A evidência real do amadurecimento desta opção religiosa é que ela está agora internamente dividida, expressando dissensões: há rachaduras e conflitos sectários dentro das fileiras do satanismo.

Por outro lado, acusações feitas contra uma religião, freqüentemente acabam por não nos dizer nada sobre os acusados, e muito sobre os acusadores. As pessoas gostam de inventar e demonizar suas próprias alteridades. Realmente, a história humana está cheia de queixas feitas contra movimentos que nunca existiram, exceto em tais polêmicas.

Este artigo começa com a discussão sobre quem realmente são os satanistas e quem eles dizem ser. Isto é, o primeiro ponto é a auto-apresentação satânica e as diferenças que geram diversidades que indicam, a partir daí, aspectos importantes para os adeptos. A discussão apresenta os resultados de pesquisa sobre três "grupos" (entre vários tipos) de satanismo que são representativos das diversidades evidentes atualmente. Tem como base um projeto de pesquisa conduzido em 1995 na Grã Bretanha, seguido de uma atenção menos explícita desde então.

Em discussão posterior, notam-se acusações e temores entre os "observadores". Embora seja correto que a maior parte do que se diz e escreve sobre o satanismo seja inteira ou

largamente um produto de fantasia e preconceito, há um par de boas razões para discuti-lo. Em primeiro lugar, aquilo que foi chamado "pânico satânico" (Richardson, Best and Bromley 1991) é instrutivo sobre as sociedades contemporâneas. Em segundo lugar, este é um contexto promissor para se considerar a "crise de legitimação" (Habermas 1975, Lyotard 1984), e questões mais amplas sobre como as pessoas conhecem ou afirmam conhecer. Oposição aos satanistas, ou melhor, às percepções do que eles devem ser, não é um fato surpreendente, dada a escolha da auto-denominação. Mas a discrepância entre o que os satanistas são e o que é dito sobre eles é produtiva e interessante. Minha intenção é, portanto, oferecer algumas informações sobre as alegações contemporâneas (dos satanistas e dos outros) sobre o satanismo, e fazer algumas sugestões sobre por que estas alegações poderiam ser interessantes para aqueles não engajados nessas práticas polêmicas. Assim, o artigo espera fazer mais do que oferecer fatos sobre uma religião e uma controvérsia religiosa. Ele pretende sugerir que existem boas razões acadêmicas para a consideração de grupos ainda muito pequenos e acusações muito extensas, e que acadêmicos de diversas disciplinas podem achar o satanismo interessante. Esta discussão está baseada no interesse da mídia. Eu realmente tenho sido um participante regular nas controvérsias, como entrevistado acadêmico, quase todas as vezes em que o satanismo aparece no noticiário de várias publicações e na mídia de radiodifusão.

## **Satanismo assumido**

Existem realmente pessoas no mundo, que se denominam satanistas. Algumas pertencem a organizações de vários tamanhos, algumas não. Os satanistas possuem compreensões amplamente diferentes sobre o que o satanismo deveria ser, o que o satanismo deveria fazer para justificar sua auto-identidade, e também sobre quem eles acham que Satã é. Eles também variam em suas afirmações sobre as origens ou história antiga do satanismo. Isto certamente não surpreende, porque esta "história" é repleta (larga ou completamente) de queixas e acusações. Não me interessa por estes debates, a não ser quando eles fazem parte das identidades contemporâneas ou polêmicas sobre o satanismo. Desta forma, não ofereço visões sobre as origens do mal, nem digo nada decisivo sobre quando a "Missa Negra" deve ter sido rezada. De fato, interessa pouco para esta discussão se tais rituais são ficções literárias ou paródias carnavalescas, instrumentos de luta e poder

político e religioso, ou hedonismo materializado em políticas identitárias, ou verdadeiros e genuínos atos de veneração a um mal putativo. Para o que nos interessa, duvido que alguém, antes do século XIX tenha aceito voluntariamente o rótulo de "satanista". Porém, uma vez que as pessoas começaram a usar este rótulo, deve ter sido para parecer mais interessantemente sinistras. Isto, entretanto, só poderia acontecer se fosse razoavelmente seguro – i.e., este fato é um produto e evidência de um grau de secularização. Entretanto, parece evidente que apenas poucos indivíduos denominaram-se satanistas até os idos de 1960. É para esta época que vou me voltar agora.

## Fundações do satanismo

Anton LaVey fundou o satanismo ao formar a Igreja de Satã (IS) em 1960, na Califórnia, e ao escrever a *Bíblia Satânica* (1969) e outros livros semelhantes (ver La Vey 1972, 1992). Sem dúvida, La Vey atraiu crenças existentes e afirmações sobre Satã e o satanismo. Mas o satanismo de La Vey só pode ser confundido pelo descortino que veio a público, ou pela admissão da realidade de antigas fantasias e medos, por alguém que se recusou a ler o que La Vey escreveu, a escutar que ele falou, e a observar o que sua igreja fez. Quase tudo o que a IS tem em comum com o que as pessoas devem esperar que o satanismo seja, é a máscara sinistra que seu fundador e seus membros gostam de apresentar aos ingênuos. O satanismo realmente antisocial ou imoral não é mais substancial, tanto na IS quanto na performance de La Vey, que o diabo no filme *O bebê de Rosemary*. Certamente supõe-se que esta performance perturbe, talvez até ofenda pessoas – mas é apenas encenação. O satanismo de La Vey por trás da máscara e da mascarada é algo mais: é uma "religião do *self*".

Paul Heelas cunhou o termo "espiritualidade do *self*" para se referir ao movimento da Nova Era (Heelas 1996). Ele proveitosamente indica o que é central em várias espiritualidades contemporâneas: um projeto para descobrir, dar poder e legalizar nossa autêntica natureza (interior) freqüentemente contaminada pela socialização. Na linguagem da Nova Era: "você é Deus, você é Deus, você é Deus". E este "Deus" deve ser encontrado dentro do indivíduo, e seu potencial deve ser concretizado e expresso. Isto *pode* gerar a espiritualidade dos tipos místicos (ou mistificadores) separados do cotidiano, do comum e

do mundano. Mas a Nova Era é freqüentemente mais parecida com outras religiões por ser inseparável de outros aspectos da vida. De fato, alguns críticos contestam a orientação para o sucesso de alguns *New Agers*. Realmente, a Nova Era manifesta-se tanto em estilo de negócios quanto na devoção a anjos e harmonia cósmica. Há uma lógica na noção de que pessoas que sabem que são Deus devem ser capazes de vender o que quer que queiram, e receber o que quer que desejem receber.

A IS de Anton La Vey é uma espiritualidade-própria torcida. Não é que o satanismo insista "Você é Satã, você é Satã, você é Satã", num tipo de inversão da Nova Era e do cristianismo. É, antes, que a tentativa de descoberta da verdadeira interioridade, é empreendida não através de pensamentos positivos e vida harmoniosa, e pela expressão da verdadeira divindade de alguém como sendo toda de "luz": o satanismo clama por uma rejeição mais radical da socialização. De acordo com La Vey, religiões representam poder sobre o povo, ganho quando as necessidades e desejos comuns são identificados com "pecado" ou "engano" e a "solução" (salvação ou iluminação) é oferecida ao obediente. Satã é o questionador deste sistema. Satã encoraja cada pessoa a experimentar e descobrir se elas acham que estes desejos e necessidades são úteis ou não.

Os escritos de La Vey e a revista da IS, *The Black Flame*, continuamente falam de Satã como se o nome se referisse a uma entidade real, que fala, age, planeja, deseja, inspira, é nomeada e convocada. Diz-se, por exemplo, que Satã se delicia quando os cristãos ouvem músicas sensuais, e os acusa de hipocrisia quando eles ao mesmo tempo abençoam tropas e rezam pela paz (La Vey 1969: 49). Entretanto, tal discurso de um Satã aparentemente pessoal tem por intenção reforçar ou dar poder ao "interesse racional no *self*" do indivíduo satanista. Ritual, mágica e estilo de vida são impulsionados por este "psicodrama". Satã é uma imagem útil para encorajar o individualismo no que este se refere à "oposição" e "não-conformidade". "A razão pela qual é chamado de satanismo é porque é divertido, preciso e produtivo" (La Vey 1992:10). Este não é um movimento baseado na revelação de uma divindade, mas uma religião própria que encoraja cada indivíduo a alcançar seu próprio potencial, e promove o "interesse racional no *self*".

De fato, foi um tanto impreciso falar acima sobre a "descoberta" da verdadeira interioridade: "o indivíduo não 'encontra' a si mesmo, o indivíduo cria a si mesmo" (La Vey 1992: 44). Com o objetivo de "criar a si mesmo", as pessoas são encorajadas a ceder honestamente a seus desejos no contexto de suas sociedades. A IS encoraja as pessoas a não serem abusivas (um sinal de imaturidade), mas serem elas mesmas socialmente – ainda que forte e eficazmente. A IS não oferece um sistema de iluminação ou uma técnica para experiência religiosa, mas encoraja a "indulgência e glorificação do carnal e material" (Gilmore 1993). O satanismo não é um "empenho em direção à divindade" (nem à do indivíduo, nem àquela de algum ser superior), mas uma aceitação e celebração da natureza humana física e animal (Nadramia 1993).

"Não se espera do satanismo que venere deidades diabólicas, mas que as manipule como símbolos com o objetivo de auto glorificação e gratificação do indivíduo." (Alfred 1983: 185).

O satanismo da IS pode ser resumido (embora com cuidadosa atenção ao contexto) nas duas primeiras das "Nove Declarações Satânicas", da *Bíblia Satânica*:

1. Satã representa indulgência ao invés de abstinência!
2. Satã representa existência vital, em vez de idéias espirituais impraticáveis! (La Vey 1969: 25).

As Nove Declarações são mais detalhadamente exploradas através dos escritos de La Vey, da *Black Flame*, e também são discutidas em Alfred (1983).

Para nossos objetivos atuais, a estrutura sociológica da IS é importante por duas razões: em primeiro lugar, é indicativa da natureza do satanismo, e em segundo, leva a uma outra organização. A IS difundiu-se como uma série de "pequenas comunidades licenciadas" lideradas por pessoas que podiam demonstrar suas credenciais "satânicas", comprando uma licença e atraindo um grupo. Em 1975, a IS "interrompeu seu sistema de comunidades licenciadas, como um experimento que havia se completado", e, desde então, tem "encorajado de verdade o individualismo e auto-engrandecimento" (Gilmore 1994; ver também Barton 1990: 119, 129). As pessoas que agora se filiam à IS, tornam-se membros de uma rede e são livres para se reunir, o que raramente fazem, valorizando a

encorajada independência. A maior ligação entre eles é a *Black Flame*, publicada em Nova York e distribuída mundialmente. Desta forma, não existe atualmente um grupo organizado chamado a Igreja de Satã. Parece claro, entretanto, que enquanto a IS funcionou com uma série de locais de encontro inter-relacionados, isto dificilmente se ajustou com sua ideologia e estava provavelmente fadado a falhar. A afirmação da individualidade, da excelência pessoal e da auto-indulgência poderia encorajar as pessoas a serem líderes, mas seu sucesso era medido pela falta de seguidores. Este tipo de satanismo não gera coesão grupal e estruturas congregacionais, mas promove o individualismo e o trabalho em rede. Na Grã Bretanha, em 1995, o melhor indicador do tamanho da IS foi a distribuição da *Black Flame*, e esta indica números realmente muito baixos. Não houve também evidências de nenhum desejo de crescimento, e não tenho visto indicações de que a IS tenha crescido desde então.

Entretanto, apesar da importante e duradoura influência de La Vey e da IS no satanismo contemporâneo, sua abordagem não-metafísica, e sua rejeição de estruturas de graus hierárquicos, tem levado alguns satanistas a formar seus próprios grupos diversos. Um resumo paralelo das alegações sobre um satanismo de várias gerações poderia ser útil, para esclarecer sobre uma implicação do que foi acima mencionado.

### **Satanismo de várias gerações**

Ao contrário da alegação da seção anterior que afirmava ter sido o satanismo iniciado por Anton La Vey nos anos 60 – ou, talvez mais precisamente, que La Vey tomou várias imagens fictícias disponíveis sobre o satanismo e criou uma realidade – algumas vezes afirma-se que o satanismo existe em algumas famílias ou grupos há muitas gerações, tendo sido originado talvez há centenas de anos. Não apenas não encontrei evidências para demonstrar a veracidade de tal alegação, mas estou persuadido de que há boas evidências para questionar a plausibilidade de tal satanismo. As alegações em si são exageradas e inexatas. Exageros incluem afirmações extravagantes tais como dizer que dez por cento da população britânica é satanista. Ao mesmo tempo, costuma-se afirmar que "um membro da família real é satanista", sem nenhuma nomeação pública do acusado. Afirmações semelhantes são feitas em muitos outros países, onde todos os

políticos e outras figuras famosas são suspeitas de liderar uma conspiração que inclui um número considerável de outras pessoas e ameaça englobar sociedades inteiras. Em minha pesquisa com uma ampla variedade de satanistas assumidos, ainda tenho que ouvir uma narrativa que é um lugar comum entre a maioria de outros crentes. Wiccans, ou seja, pertencentes ao movimento Wicca, freqüentemente afirmam terem sido iniciadas por uma grande mãe; os cristãos evangélicos freqüentemente afirmam terem sido levados a Jesus por um parente. As únicas pessoas que fazem afirmações similares sobre o satanismo, ainda que vagamente, são aquelas que afirmam terem escapado. Isto é, no mínimo, se o satanismo de várias gerações existe, nunca inclui aqueles que estão felizes por serem satanistas. Mais do que isto, a própria natureza do satanismo requer dúvidas sobre ser ele disseminado dentro de famílias ou no tipo de grupos alegados. (Para uma discussão que chega à mesma conclusão, ver La Fontaine 1998).

## **O Templo de Set**

O Templo de Set (TS) é uma organização internacional que foi estabelecida como uma Igreja sem fins lucrativos na Califórnia, em 1975, recebendo reconhecimento estadual e federal, bem como isenção de impostos mais tarde, naquele ano.

Durante uma pesquisa sobre "Abuso ritual satânico" (Harvey 1995a), fui abordado por um membro britânico do TS, que estava preocupado com eu poder receber falsas informações com relação ao satanismo e o TS. Após alguma troca de correspondência, o TS concordou (com algum entusiasmo) em distribuir um questionário especificamente destinado a seus membros na Inglaterra. Ambos, o iniciado senior do TS da Inglaterra, David Austen, e o supremo sacerdote do TS, Michael Aquino, disseram que queriam muito que os membros respondessem ao questionário. Publiquei os resultados da avaliação daquele questionário (Harvey 1995 b), e aqui forneço um sumário dos interesses e atividades do Templo. A validade continuada de minha pesquisa prévia foi checada pela referência ao vasto acúmulo de informações, agora facilmente obtidas através de criteriosas pesquisas na internet. (A maioria destas informações era disponível apenas para membros do TS em 1995, mas uma parte delas ficou disponível para mim durante aquela pesquisa).

Pode ser útil começar pela questão dos números. Em 1995, recebi onze respostas ao meu questionário. Quando discuti isto com David Austen em uma entrevista, ele sugeriu que este número girava em torno de vinte por cento dos membros da Grã Bretanha. Acredito plenamente que o TS é a maior organização satanista na Grã Bretanha (e em muitos outros países), e concluo que há menos do que uma centena de satanistas na Grã Bretanha. Entretanto, mesmo estes números podem dar uma falsa impressão. Não conseguimos imaginar uma reunião de cinqüenta satanistas para qualquer objetivo que seja. Jean La Fontaine informa que "de acordo com um membro antigo com quem conversei, que compareceu a muitas reuniões, eles nunca se reuniam em número maior do que doze membros" (La Fontaine 1998: 47). Como na IS, o TS encoraja o individualismo não congregacionista. Os membros se comunicam (especialmente através da internet), mas raramente se encontram.

Os satanistas do TS – talvez pudesse chamá-los de setianos – são, em sua maioria, homens de idade entre vinte e cinqüenta anos. Questões sobre trabalho e orientação sexual fornecem um padrão muito semelhante deste grupo e para o resto da população. A única surpresa (para mim) veio em uma resposta a uma questão sobre afiliações políticas, como demonstrada nos padrões de votação na prévia Eleição Parlamentar. Apesar de tudo que já haviam me dito, eu ainda esperava uma alta incidência de extremismo – em cada um, ou ambos extremos: de direita e esquerda. Entretanto, as respostas revelaram padrões de votação bastante comuns: todos haviam votado nos três principais partidos políticos, incluindo o Liberal Democrata. Certamente há muitos crentes que se conduzem de modo a separar sua política de sua religião (como, na verdade, eles separam outros aspectos da vida em domínios mais ou menos discretos). Entretanto, e também fugindo de teorias de conspiração que poderiam implicar em um plano divergente para infiltrar a sociedade "normal", acredito que estas respostas significam que os satanistas gostam de projetar uma fachada sinistra, mas, na verdade, são muito pouco diferentes de seus vizinhos.

As origens do TS incluem uma deliberada autodiferenciação da IS, mais significativamente na teologia e sociologia. Nas publicações de La Vey e da IS, pode parecer que Satã é compreendido como um ser ontológico, que existe de verdade, de alguma maneira que

transcende a realidade comum, uma figura divina. Por exemplo, a *Bíblia Satânica* (La Vey 1969) parece incluir afirmações revelatórias, algumas em enoque (Enochian) (tida por alguns mágicos como a língua dos anjos). Entretanto, estas deviam ser compreendidas (de acordo com membros da IS) como estímulos simbólicos ou metafóricos para o pensamento, esforço e crescimento pessoal dos tipos valorizados e encorajados pela IS. Isto é, não existe Satã na IS.

A teologia oficial do TS parece um tanto diferente. A compreensão mais próxima da visão "oficial" do TS, é que "Set é um ser real" (alguns membros do TS falam de Satã, mas muitos, ao contrário, falam de Set). Michael Aquino fundou o TS, conforme ele afirma, após uma auto-revelação de Set. Alguém escreveu, respondendo ao meu questionário:

*Set é um ser real, que ofereceu sua dádiva da Black Flame para a humanidade. Isto significa que o homem pode se tornar totalmente consciente de si mesmo, em vez de permanecer atado à ordem cósmica.*

Mesmo que Set "não seja um deus", ele é claramente compreendido como mais do que uma projeção do desejo ou temor humanos, mais do que um antropomorfismo justificando esta ou qualquer outra religião. Para aqueles entrevistados que insistiram em diferenciar entre Satã e Set, o primeiro é um "falso jogador", um "estereótipo do adversário judaico-cristão" inventado para "justificar sua (dos cristãos) própria e continuada existência (eles precisavam de uma oposição, um lobo nos arredores da vila)", e alguma coisa para "atemorizar os crentes, conduzindo-os a uma adesão submissa aos pronunciamentos dos vários líderes da fé". Estas visões combinam com aquelas eloqüentemente expressas na *Bíblia Satânica*. Mas muitos setianos vão além, compreendendo Set como uma "entidade incorpórea" real, "uma realidade metafísica ou mística", "uma deidade todo-poderosa que tem faces diferentes. Por um lado, penso que é o mesmo Deus cristão, por outro, é Set", "um guia" e o "Senhor deste mundo", "um antigo deus egípcio, cujas lendas foram distorcidas e se transformou na base do Satã cristão". Alguns setianos consideram Set como "o rebelde arquetípico", "uma figura representando orgulho, interesse próprio e autogratificação", "a coisa indefinível [sic] que separa o homem dos outros macacos" ou "a força impulsionadora na evolução humana". Espera-se que os iniciados "se transformem"

(um jargão do TS), isto é, fiquem cada vez mais verdadeiros consigo mesmos, cada vez mais independentes, cada vez mais parecidos com Set: "Como Set era, nós somos; como Set é, nós seremos". A mudança entre a afirmação da realidade de Set e o reconhecimento que esta linguagem poderia ser metafórica, raramente é sistematizada e nunca é problematizada no TS. Se Set é "real" ou não, parece, no fim das contas, não importar muito: seu papel (como um ser ou como uma idéia) é encorajar a auto-exploração daqueles que falam dele (e talvez com ele). Se ele simboliza a diferença entre a humanidade e os animais, ou se esta diferença é uma dádiva de Set (em vez de uma mudança meramente evolutiva) é menos importante do que a tarefa escolhida de se "transformar".

Sociologicamente, o TS também é diferente da IS. Em primeiro lugar, parece que o TS é organizado de modo muito semelhante a outras ordens mágicas. Há semelhanças sociológicas deliberadas em relação a grupos como o *Golden Dawn* e outros movimentos esotéricos (ver York 1995, e Hanegraaff 1996). Entretanto, a "estrutura de graus" do TS funciona um pouco diferentemente. Não se espera, nem se exige dos iniciados que progridam para aquilo que, em qualquer outro lugar, seriam os degraus mais elevados. No TS, estes são mais de funções administrativas ou de supervisão. Espera-se que a maioria seja do segundo grau, ou Adepto II, uma vez que o TS está mais interessado em que os indivíduos se desenvolvam e encontrem seus próprios níveis, do que em criar uma identidade grupal elevando-se de cada um, seguindo exatamente os mesmos passos. Basicamente, os adeptos são reconhecidos como competentes Magos Negros.

Já discuti em artigo anterior (Harvey 1995 b) o que o TS entende por ambos: "mágica" e "magia negra". Para resumir uma ampla e complexa cosmologia e psicologia, "mágica" é o processo deliberado de operar mudanças de acordo com a "vontade". Há magias "menores" que poderiam ser a manipulação de coisas ou eventos no universo objetivo (em vez de subjetivo), e magias "maiores" que operam mudanças no universo subjetivo. "Vontade" deve ser compreendida paralelamente com as teorias de outros movimentos magicamente orientados, os quais reconhecidamente seguem a tradição agostiniana. Afinal de contas, Alister Crowley não cunhou a frase "Ame e faça o que você quiser", mas derivou-a de Agostinho, talvez via esotéricos cristãos. Algo pode ser chamado "branco" se

se elevar de, e expressar a falsa consciência de que o indivíduo está fazendo alguma coisa por razões altruísticas: o benefício dos outros, a glorificação da deidade, alcançar a harmonia com o cosmos ou com algum "Outro". O TS reconhece que uma doação para a caridade é, no mínimo, tanto um ato de autogratificação quanto uma tentativa de ser útil. Para o TS, este truísmo encoraja a autogratificação como a melhor razão possível para a ação. Algo é "negro" quando celebra a consciência do benefício subjetivo (mesmo quando isto inclui o alívio do sofrimento dos outros, por exemplo).

Além da estrutura de graus e o encorajamento da "mágica", o TS é organizado ao redor de uma (não-hierárquica) série de grupos de afinidade chamados Pilares (Pylons), como os portais dos antigos templos egípcios. Os membros destes grupos também nunca devem se encontrar fora do cyber-espço e outras formas de correspondência. Eles se comunicam em rede sobre tópicos de interesse mútuo que seguem os objetivos do TS: principalmente encorajar o auto-desenvolvimento. Como um reforço final deste ponto freqüentemente repetido, o TS não possui um calendário estabelecido, e encoraja a celebração do aniversário dos indivíduos como o ponto mais importante do ciclo de vida de alguém.

## Outros Grupos Satânicos

Há muitos outros grupos satânicos. A maioria deles é pequena, mesmo quando parecem ter uma presença maior. A *Order of the Nine Angles* (ONA) é um bom exemplo. Um autor prolífico, que usa muitos pseudônimos (p. ex., Anton Long, Stephen Brow e Christos Beast) desenvolveu uma forma de satanismo que é distinguível pela complexidade de sua cosmologia e pela afirmação da sua necessidade de ser sinistra. A primeira (ONA), entretanto, elabora idéias que são territórios comuns para muitos esotéricos e filmes e livros de ficção científica.(p. ex., que o mundo cotidiano não é a única dimensão da realidade), enquanto a última é, quase que com certeza, a apresentação de uma face destinada a chocar. Minha própria (1995 b) discussão sobre este grupo (ou melhor, indivíduo solitário) deve ser comparada à de Kevin Logan (1994) – não por eu não ter certeza de minhas conclusões, mas para demonstrar que estamos tratando de polêmicas que muito freqüentemente estão misturadas com preconceitos e geradas pela autopromoção. Os próprios documentos da ONA são acessíveis via vários websites (por

exemplo, "Necronomi" e Satanservice") ao lado de muitas outras organizações e indivíduos.

## **Magia e Feitiçaria**

No caso de ainda restar alguma confusão, apesar das semelhanças entre alguns aspectos da cosmovisão dos satanistas, sua retórica, rituais e aqueles aspectos de grupos de magia maiores, há muitas coisas que definitivamente distinguem o satanismo. As práticas e auto-identidade da feitiçaria também são distintas do satanismo. Os grupos apresentados acima estão preocupados principalmente com o crescimento pessoal dos indivíduos e/ou com o próprio desenvolvimento. Eles são aparentados com a Nova Era por serem corretamente identificáveis com uma religião própria ou espiritualidades próprias. As tradições da feitiçaria ocidental moderna são "religiões da natureza", mesmo quando algumas delas estão profundamente interessadas pelo si-mesmo (p. ex., Crowley 1989). A diferença é que o "si-mesmo" para os religiosos da natureza é relacional, enquanto é completamente individual nas religiões próprias. Alguns tipos de feitiçaria e mágica pagãs não devem ser mais centradas na deidade do que o satanismo, mas suas fundações, objetivos e maneiras são muito diferentes (ver Harvey 1997) .

Por outro lado, a típica polêmica pagã contra o satanismo – de que este divide com o cristianismo sua cosmovisão – é uma má compreensão. Enquanto "Satã" certamente deriva do cristianismo, o Satã dos satanistas está muito longe do caráter bíblico. Satã aqui é mais parecido com um arquétipo jungueano, embora com valores não celebrados por Jung e seus discípulos. O que a cristandade forneceu, provavelmente via imaginação popular e filmes de Hollywood, foi uma imagem sinistra. O que esta imagem ao mesmo tempo esconde e revela, é muito diferente nas várias comunidades possuidoras de discursos que colidem em más compreensões sobre o que cada uma quer dizer. Minha suspeita é que alguns satanistas, no mínimo, estão felizes com estes choques de incompreensões, que continuam a fazê-los parecer mais sinistros. Entretanto, meu objetivo nesta seção é apontar que enquanto alguns satanismos poderiam ser mágicos, a maioria dos grupos de magia possui uma natureza muito diferente.

## Abuso satânico ritual

Nos anos 80 e 90, na Grã Bretanha e em outros lugares, alastrou-se um pânico com os rituais de abuso e assassinato de crianças e adultos. As alegações e controvérsias não permaneceram na arena das teorias de conspiração popular, mas tornaram-se assunto de investigações policiais e casos de júri. A mais abrangente pesquisa e publicação sobre este tema é o excelente *Speak of the Devil* (Discurso do diabo), de Jean La Fontaine (1998). Não é de surpreender que a maioria dos debates tenha sido alimentada por cristãos evangélicos conservadores. Mais interessante é o papel das comunidades psicoterapêuticas, porque isto nos diz mais sobre tendências em sociedades contemporâneas. Por exemplo, La Fontaine (1998:191) conclui que "algumas terapias exibem uma abordagem às alegações de abusos satânicos que encorajam a crença e desencorajam o ceticismo de um modo semelhante àquele dos fundamentalistas". Isto sozinho é um poderoso indicador das tensões problemáticas da modernidade (incluindo a recente – ou pós-modernidade) entre um questionamento crítico e a dominante autoridade dos especialistas. Os acadêmicos se dedicam a levantar questões e continuar o debate. A superabundância de acusações requer estudos, mas o que é mais interessante (para a academia) é a questão sobre o quanto é possível legitimar conhecimentos particulares.

Ao lado disto, La Fontaine traça paralelos entre noções muito bem estabelecidas de que acusações de feitiçaria, bruxaria ou práticas do mal tornam-se abundantes em períodos de mudanças sociais e de incertezas. O fato de os pânicos recentes concentraram-se sobre a segurança das crianças, aponta significativamente para uma nostalgia infiltrada, por um passado mítico quando crianças eram (supostamente) habitantes valorizados de famílias estabelecidas com valores e papéis "tradicionais". O fato é, entretanto, que as acusações feitas não constituem nada de novo. Muitos grupos mais ou menos marginais (judeus, mórmons, maçons, católicos, protestantes, africanos, pagãos, comunistas e muitos mais) têm sido vítimas de acusações semelhantes no passado. Realmente, muitos desses grupos ainda são suspeitos para outros grupos (especialmente, é claro, para os cristãos evangélicos), como mostra uma recente reportagem do *LA Times* (Faucett 2002). Uma pesquisa na internet por informações sobre Satã ou satanismo gerará muitos links relacionados a sites que fazem acusações reconhecidamente semelhantes àquelas feitas

aos outros no passado. Negar simplesmente, não é suficiente, apesar do peso da evidência que aponta para a falsidade das acusações de uma conspiração satânica envolvendo mortes sacrificiais e abusos sexuais. (O acréscimo da palavra "ritual" a "abuso" é somente polêmica, e tenta desviar a atenção da violência diária comum contra as crianças em famílias comuns, e mesmo "tementes a Deus". Cashman 1993: 47 é instrutivo aqui.) Nós certamente aprendemos muito sobre os acusadores ao considerar suas construções de alteridades. Mas o pesquisador deve se misturar naquele mundo perigosamente carregado das especialidades e conhecimento público. Algumas vezes isto pode aparecer como colaboração e parece provar a visão dos "conspiradores" (cf. Beit-Hallami 2001). Permanecer acadêmico, portanto, é continuar a formular questões (incluindo, e talvez especialmente, as reflexivas) muito mais do que se transformar em um especialista em descrever um fenômeno. Meu papel como "especialista" é testado a cada vez que a mídia se interessa pelo suposto satanismo. Portanto, é com o mais recente interesse da mídia que eu concluo esta discussão.

### **Assassinos vampiros satânicos**

Além dos membros adultos dos grupos assumidos como satanistas, há, sem dúvida, adolescentes que se identificam como satanistas. O que eles querem dizer com isto varia consideravelmente. Mesmo em um grupo ad hoc de adolescentes masculinos, com quem me encontrei nas ruas de uma cidade da Grã Bretanha em 1995, as compreensões variaram. Só um tinha lido os livros de La Vey e conhecia a revista *Black Flame*. A maioria não se interessava por tais fontes que pareciam muito próximas a um conhecimento teórico. O satanismo deles era uma afirmação de sua "rebelião" e se manifestava em roupas pretas e simbolismos ocultos. Não importava que os símbolos fossem amplamente ocultos para o grupo; a única coisa que importava, era a hostilidade e/ou o medo que os símbolos provocavam nos outros. Estes adolescentes consideraram as pinturas grosseiras dos grafites "satânicos" como infantis, especialmente em comparação com o complexo trabalho artístico de grafiteiros (graffiti artists) mais talentosos. Deste modo, enquanto a polícia e alguns cristãos do lugar estavam preocupados com o que geralmente eram representações criativas ou imagens fantasiosas (de histórias de terror, literatura infantil ou iconografia de bandas de rock), estes "satanistas" se contentavam em ser e vestir suas

próprias auto-representações. Nenhum foi abordado por membros de outros grupos de satanistas, nenhum sabia sobre satanistas mais velhos (exceto aquele que havia lido *La Vey*, e até esse conhecimento era apenas literário). Atualmente, é bastante improvável que qualquer um daquele grupo continue com tal auto-imagem ou auto-apresentação. Alguns podem ter se transformado em "góticos" (goths), mas minha suspeita é que uma vez que seus hormônios sosseguem, eles mudaram.

Entretanto, a aparência "gótica" desses adolescentes não é somente uma afirmação de moda para adolescentes. Há "góticos" mais velhos. Entre eles, há alguns que são profundamente atraídos pela imagem do vampiro. Como a maioria dos satanistas, eles sabem que imagem é só imagem, mas que a "mera imagem" pode evocar respostas poderosas nos outros. Assim, eles (satanistas e vampiros) podem brincar com suas imagens escolhidas. Entretanto, alguns "vampiros" recentemente parecem ter levado sua imagem muito mais seriamente. No cenário do clube vampiro, eles adquiriram maneirismos e costumes, e substituíram alguns de seus dentes por caninos de animais, para que ficassem mais parecidos com o estereótipo do vampiro. Nestes clubes mesmo, onde estas imagens e papéis são desempenhados, alguns favorecem a bebida de sangue supostamente fornecido por "vítimas". Entretanto, Manuela e Daniel Ruda vieram a acreditar que eles fossem realmente vampiros. Por um momento em fevereiro e março de 2002, a mídia mundial parecia obcecada pelo "satanismo vampiro". *The Times* (18 de janeiro de 2002) mostrou que "satanistas culpam o diabo por 666 mortes rituais". Isto e reportagens semelhantes do caso do julgamento alemão (onde se diz que os Ruda haviam admitido o assassinato, mas negavam a culpa porque "o diabo dissera-lhes para fazer aquilo") incluem queixas sobre uma onda de assassinatos e suicídios inspirados pelo satanismo na Europa. Mais do que examinar este novo conjunto de queixas e acusações, pretendo levantar algumas questões que levam a uma conclusão de interesse acadêmico.

Se Manuela Ruda pediu um transplante de dentes para ficar parecida com o personagem fictício de Bram Stoker, ela é realmente uma vampira? Se a resposta for "sim, mas somente porque nós devemos permitir às pessoas suas próprias auto-identificações", nós, (doutores em religião) temos que aceitar a definição implícita dela sobre os vampiros? Se uma vampira não é uma eterna "criatura da noite" que vive somente se beber sangue de

vítimas, mas alguém que toma os estereótipos de Hollywood pela realidade e tenta arduamente viver sua fantasia, pode alguma coisa que ela afirmar sobre o satanismo carregar algum peso? As fantasias dos vampiros *self-made* combinam com aquelas dos cristãos evangélicos, construtores do satanismo como genuinamente satânico? Se sim, o que significa estes oponentes do catolicismo (entre outras coisas) estarem enamorados de uma representação católica medieval do diabo? Enquanto isso, aqueles interessados em satanistas assumidos deveriam perguntar: a) se é possível excluir aqueles cujo satanismo é realmente focado na obediência "ao diabo" mais do que na auto-identificação, e b) se a afirmação "o diabo me fez fazer isto" significa que todos os satanistas devem ser suspeitos de serem criminosos? Em resumo, há muitas coisas muito diferentes que são chamadas de satanismo. Estas diferenças são importantes e não devem ser confundidas. A maioria de satanistas assumidos está engajada em uma religião que é muito diferente daquilo difamado como satanismo pela maioria das outras pessoas. Realidades e acusações podem ser instrutivas sobre uma legião de tópicos importantes e fascinantes, mas que nunca deveriam ser confundidos. Tentativas de compreender a natureza das sociedades contemporâneas deveriam ser amplamente seguidas pelo reconhecimento de que não somente as pessoas identificam-se como satanistas (o que significa muitas coisas diferentes), mas que também as pessoas continuam a acusar outras de serem satanistas. A continuação desta retórica diz muito sobre a era em que vivemos.

## Bibliografia

- ALFRED, R.H. 1983. 'The Church of Satan', in Eileen Barker (ed.) *Of Gods and Men: New Religious Movements in the West*. Macon: Mercer University Press. pp. 180-202.
- AQUINO, M.A. 1992. *Black Magic in Theory and Practice*. San Francisco: Temple of Set.
- Barton, B. 1990. *The Church of Satan*. New York: Hell Kitchen Productions.
- BEIT-HALLAHMI, B. 2001. 'O Truant Muse': Collaborationism and Research Integrity' in B. ZABLOCKI and T. ROBBINS (eds) *Misunderstanding Cults*, Toronto University of Toronto Press.
- CASHMAN, H. 1993. *Christianity and Child Sexual Abuse*, London, SPCK.

- Crowley, V. 1989. *Wicca: the Old Religion in the New Age*. London: Aquarian
- FAUSSET, R. 2002. 'Pagans' Presence Tests Tolerance in High Desert', *LA Times*, 28 April. On-line version see *LA Times*.
- GILMORE, P. 1993. 'Pretenders to the Throne: regarding the Temple of Set', *Black Flame* 4 (3 and 4): 8-9.
- GILMORE, P. 1994. Personal Correspondence dated 11 November XXIX, Aeon Satanas.
- HABERMAS, J. 1975. *Legitimation Crisis*, Boston: Beacon Press.
- HANEGRAAFF, W. 1996. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. Leiden: E.J. Brill.
- HARVEY, G. 1995a. 'Ritual Abuse Allegations, Incitement to Religious Hatred: Pagans and Christians in Court' in R. Towler (ed.) *New Religions and the New Europe*. Aarhus: University of Aarhus Press. pp: 154-70.
- HARVEY, G. 1995b. 'Satanism in Britain Today', *Journal of Contemporary Religion* 10: 283-96.
- HARVEY, G. 1997. *Listening People, Speaking Earth: Contemporary Paganism*. London: Hurst & Co.
- HEELAS, P. 1996. *The New Age Movement*, Oxford: Blackwell.
- La FONTAINE, J.S. 1998. *Speak of the Devil: Tales of Satanic Abuse in Contemporary England*, Cambridge: Cambridge University Press.
- La VEY, A.S. 1969. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books.
- \_\_\_\_\_. 1972. *The Satanic Rituals*. New York: Avon Books.
- \_\_\_\_\_. 1992. *The Devil's Notebook*. Portland, OR: Feral House.
- LOGAN, K. 1994. *Satanism and the Occult: today's dark revolution*. Eastbourne: Kingsway.
- LYOTARD, J-F. 1984. *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, Manchester: Manchester University Press.

NADRAMIA, P. 1993. Review of *Satanism—a Basic Introduction for Prospective Adherents* (Shrewsbury: Thormynd Press, nd), in *The Black Flame*, 4(3 and 4): 19.

RICHARDSON, J.T., Best, J., Bromley, D.G. (eds), 1991. *The Satanism Scare*, Berlin: de Gruyter.

YORK, M. 1995. *The Emerging Network: A Sociology of the New Age and Neo-Pagan Movements*. Lanham: Rowman & Littlefield.

### **Websites**

LA Times: <http://www.latimes.com/editions/orange/la-000030163apr28.story>, acesso em 09/05/2002.

Necronomi: <http://www.necronomi.com/magic/satanism/>, acesso em 09/05/2002.

Satanservice: <http://www.satanservice.org/smackers.html>, acesso em 09/05/2002.